

## **Confirmação: Expectativas e Frustrações**

### **Um Estudo de Caso: uma Reunião de Pais\***

**Manfredo C. Wachs**

Quero compartilhar com vocês um amor que tem provocado muita expectativa e frustração na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e em muitas igrejas luteranas. A prática educativa relacionada à Confirmação tem provocado muitos amores e desamores. Tanto uma quanto a outra dimensão deixam marcas e marcos referenciais na vida de muitas pessoas. Considerando o amor ou o desamor dos pais pela Confirmação, formulei o presente tema.

#### **Introdução**

Ao indagarmos pela prática educativa da Igreja, desenvolvida nas nossas comunidades, a nossa atenção se volta automaticamente, com raras exceções, à Confirmação. Sobre ela recaem os maiores cuidados, investimento humano, apoio financeiro e também a preocupação com a elaboração de materiais didáticos. Também constatamos que a Confirmação é a prática educativa com a qual os pastores e as pastoras se envolvem obrigatoriamente. É raro que as nossas comunidades dêem igual atenção às demais atividades educativas ou as valorizem de modo semelhante.

Um dos grandes avanços na prática educativa da Confirmação na IECLB, nos últimos anos, é a contextualização e elaboração próprias de material didático. Nestas elaborações se sobressai positivamente a reflexão didático-pedagógica. E este é um dos seus grandes méritos. Já vivenciamos períodos em que determinados elementos didáticos para a Confirmação eram rejeitados mais por questões de preconceito e sentimentos regionalistas do que por convicção, discernimento e opção teológico-pedagógicos. Em decorrência disto, muitos materiais eram verdadeiros produtos de recortes e colagens e, conseqüentemente, mais descontextualizados do que os que tinham sido criticados. Felizmente os mais recentes recursos de ensino comprovam o avanço citado acima, através de uma elaboração mais original e mais refletida.

Muitas vezes, ao se fazer adaptações, recortes e colagens, não se percebe que

a uma metodologia estão agregadas uma filosofia educacional e uma tendência pedagógica. E, ao se procurar construir uma reflexão teológica contextualizada, atualizada, bem formulada confessionalmente, não se atinge o alvo desejado, pois se utilizou uma metodologia inadequada num conteúdo apropriado ou uma metodologia apropriada num conteúdo inadequado. A interação entre a metodologia e o conteúdo deve ocorrer de forma sincronizada.

Percebe-se, igualmente, o esforço inútil dos defensores do Catecumenato Permanente, que procuram conscientizar as pessoas de que a Confirmação não é o *centro* nem o único lugar de ensino do conteúdo da fé e da vivência comunitária, mas *um* de seus momentos. Por mais que se incentivem as outras formas de aprendizagem, parece que o resultado tem sido justamente o inverso. Cada vez mais as atenções se voltam para a Confirmação. Cada vez mais ocorre uma centralização em torno dela. Esta centralização desnuda os problemas da práxis da Educação Cristã. Uma atenção mais efetiva, afetiva e consistente às demais práticas educativas resolveria boa parte dos problemas da Confirmação.

É importante salientar que essa centralização não é uma exclusividade e nem um privilégio da IECLB, pois ela é constatada na grande maioria das igrejas luteranas. Entretanto, algumas igrejas luteranas de fala espanhola na América Latina estão dando ênfase à educação cristã de adultos através da escola dominical. Temos também o exemplo da Igreja Luterana do Canadá, que estabeleceu como prioridade a educação cristã de adultos. Tenho a certeza de que estes exemplos são importantes desafios para a IECLB. Especialmente quando a nossa Igreja extingue um centro de produção de materiais e uma proposta como a do Curso Redescoberta do Evangelho.

Num recente estudo realizado pela Federação Luterana Mundial (FLM) verificou-se que convergem para a Confirmação as mais diversas expectativas, sejam elas de dimensão eclesial-comunitária ou de tradições da Igreja e das famílias. O referido estudo constata que esta convergência tem, ao mesmo tempo, garantido a existência e sobrevivência da Confirmação e provocado insatisfações e frustrações. A Igreja tem a expectativa de manter uma certa tradição e fortalecer a identidade confessional. A comunidade local quer garantir o seu quadro de membros e a sua continuidade. Os jovens querem, talvez, se livrar o quanto antes de um compromisso. Os obreiros buscam constantemente um sentido para a Confirmação. E há também a expectativa por parte dos pais.

Portanto, todos os sujeitos direta e indiretamente envolvidos com a Confirmação possuem expectativas em relação a ela. Não é mais possível ignorá-las ou fazer de conta que se as está ignorando. Através da análise das expectativas de cada um desses sujeitos, é possível saber como cada um vê a finalidade da Confirmação. Vamos nos limitar à análise das expectativas por parte dos pais dos jovens.

## **1. As Expectativas na Ótica dos Pais**

Tomarei como referência uma reunião de pais e mães de confirmandos e confirmandas da Comunidade Evangélica de São Leopoldo, realizada em outubro de 1995. O encontro visava discutir aspectos do culto de Confirmação, como vestimenta, fotografias, lembrança e a mensagem. Na mesma reunião, representantes do presbitério reuniram-se com os pais para avaliar o ensino confirmatório. A intenção dos presbíteros era melhorar a prática da Confirmação na paróquia. A objetividade nas manifestações dos membros do presbitério proporcionou bons elementos para a análise da opinião dos pais.

Durante a reunião, foi possível observar dois grupos: a) pessoas preocupadas com a aprendizagem dos conteúdos; b) pessoas que valorizavam a dimensão de comunhão nas aulas. Havia algumas ramificações em cada segmento. O primeiro era mais numeroso.

### **1.1. Preocupação pelo Conteúdo**

No grupo que manifestou a sua preocupação pelo conteúdo constataram-se diferentes expectativas e idéias divergentes. Alguns integrantes exigiam maior severidade na aprendizagem do Catecismo Menor. O argumento mais constante era: “Eu tive que aprender o Catecismo Menor de cor. Por que o meu filho e a minha filha também não o podem fazer?” Ou, então, ouvia-se a afirmação: “Em dois anos de doutrina minha filha não aprendeu nada. Ela não sabe nem os Mandamentos. Assim não é possível continuar.”

Outras pessoas, além de revelar a sua expectativa, também procuravam apresentar uma provável solução, como: “Acho que deveriam ser aplicadas provas regularmente. Assim os confirmandos seriam obrigados a estudar.” Pode-se afirmar que este recurso disciplinador é benquisto por muitos educadores. Contudo, não garante uma real aprendizagem. Conforme este desejo de alguns pais, a rigidez e a intensidade das provas devem ser regidas pela indisciplina dos confirmandos. Neste caso, a prova exerce um caráter negativo, pois é um controlador de comportamento, inibidor de liberdade, paliativo para a falta de controle de turma por parte do educador e uma demonstração de inabilidade do educador em despertar interesse pela aprendizagem. A prova, na verdade, deveria ser a continuidade no processo de aprendizagem e não um instrumento de controle dos conteúdos adquiridos; deveria oportunizar reflexão e não ser um órgão reprodutor de pensamentos estéreis.

Pode-se perceber que é bem aceito, tanto pelos pais como por alguns jovens, o educador que é rígido, disciplinador, que estabelece com clareza os limites da liberdade do educando e que, ao mesmo tempo, sabe transmitir com clareza e objetividade os conteúdos. O educador com um perfil autoritário e inibidor da

liberdade de expressão dos jovens não é coerente com o evangelho libertador, nem com o princípio luterano da liberdade cristã.

Em situação oposta está a liberdade total, em que o jovem não conhece limites e os pais, muitas vezes, são coniventes com atitudes de desrespeito, agressão e indisciplina dos filhos. Num ambiente onde reina a liberdade total é mais difícil construir-se uma aprendizagem através de uma relação de comunhão, pois não se ouve a outra pessoa, não se respeita a sua opinião, nem se está interessado em aprender com ela.

Numa relação dialógica e de comunhão não se trabalha com esses extremos, mas sim com a radicalidade do respeito à dignidade do ser humano. Procura-se cultivar um profundo reconhecimento e uma valorização do saber da outra pessoa. Nesta dimensão relacional, resgatar a voz da outra pessoa é mais importante do que lhe dar a vez de falar, pois se estabelece o direito à participação e à igualdade dos seres humanos resgatados por Deus. Na verdade, o direito à participação, à aprendizagem, à troca de saberes não é somente um pré-requisito de uma filosofia pedagógica, mas uma premissa teológica. Não é uma conquista das pessoas, mas um direito presenteado pelo próprio Deus.

Desta forma, podemos constatar que um posicionamento frente à questão de liberdade total ou de autoritarismo tem implicações para a nossa compreensão teológica. Percebo, porém, que nem sempre conseguimos estabelecer uma coerência entre a nossa convicção teológica e a nossa concepção pedagógica.

Retornando à reunião de pais, é necessário afirmar que alguns revelaram a preocupação pela necessidade de aprender. Argumentaram que o ensino confirmatório é o lugar onde se aprende a doutrina da Igreja. A afirmação: “Se não for aqui, onde será?”, pode restringir o processo de aprendizagem a um só contexto.

Contudo, não devemos rejeitar por completo esta afirmação dos pais, nem a abominar. Devemos levar a sério a preocupação quanto à aprendizagem e, com discernimento e sabedoria, saber canalizá-la positivamente para o engajamento comunitário. Precisamos aprender a converter esta preocupação num processo pedagógico que resulte em edificação de comunidade. Este processo pedagógico de conversão é uma arte que, na grande maioria das vezes, transcende a nossa própria capacidade e se torna dependente da graça divina.

Permitam-me compartilhar um fato real que engloba alguns aspectos já abordados.

Durante um seminário de orientadores de ensino confirmatório em 1991, em Espigão D'Oeste (RO), conheci dona Alzira. O relato de sua experiência com o ensino confirmatório me impressionou. Vou deixar ela mesmo nos contar: “Na época do meu ensino confirmatório eu não sabia ler direito e tinha dificuldade de aprender. Mas nós tínhamos que saber o Catecismo Menor de cor. No domingo antes da Confirmação havia o exame, durante o qual o pastor perguntava sobre o Catecismo Menor diante de toda a comunidade e dos familiares. No sábado, eu

ainda não sabia tudo de cor e fiquei estudando no meu quarto à luz de vela. Quando já era tarde, o meu pai entrou no quarto e disse: 'Minha filha, estude bastante, porque amanhã não quero passar vergonha.' Quando não agüentei mais ficar de olhos abertos, coloquei o Catecismo Menor debaixo do travesseiro, para ver se durante a noite ainda entraria algo na minha cabeça."

Este fato revela algumas coisas. Uma delas é que nem sempre a preocupação dos pais está na aprendizagem dos filhos, mas na sua imagem diante da comunidade e dos demais familiares. Este caso e algumas afirmações acima revelam que os pais também estabelecem para os seus filhos e filhas exigências que nem sempre correspondem às da Igreja e dos obreiros. Essas expectativas se transformam em ansiedade dos pais, a qual impede uma aprendizagem mais libertadora. Vemos isto na escola, onde pais exigem dos filhos as melhores notas ou o rendimento escolar que eles mesmos não conseguiram obter. Esta exigência provoca ansiedade e dificuldades desnecessárias na aprendizagem.

O caso seguinte indica outras circunstâncias:

A mãe de um menino de 14 anos iniciou um curso superior. Antes das provas em cada disciplina esta mãe demonstrava certa ansiedade e descontrole desnecessário, considerando sua capacidade pessoal. Exigia uma quase perfeição de si mesma. Num momento de descontração, ela compartilhou uma afirmação do seu filho: "Mãe, vê se não tira nota abaixo de 8,5, senão vai ter...!" O filho transferiu para a mãe a exigência que ela fazia a ele. Esta transferência resultou numa ansiedade que provocava bloqueios de aprendizagem. Essas ansiedades são transferidas tanto para filhos como para educadores.

As expectativas e ansiedades relatadas neste bloco têm impedido muitos colegas pastores e pastoras de inovar o processo de aprendizagem. Por outro lado, proporcionaram algumas experiências desanimadoras e frustrantes a quem tentou inovar.

## **1.2. Importante É o Processo**

A preocupação do outro grupo de pais e mães estava concentrada no processo de aprendizagem e numa determinada finalidade da Confirmação. Este grupo se constituía de dois subgrupos, que ora caminhavam paralelamente, ora se encontravam num mesmo ponto de vista. Vejamos algumas manifestações.

"O meu filho precisa sentir prazer em participar do ensino confirmatório. E a forma de ensinar deve proporcionar alegria." — A manifestação desta mãe foi muito firme e incisiva, salientando que os orientadores e as orientadoras de ensino confirmatório precisam ter um mínimo de conhecimento pedagógico. Não basta ao educador dominar o conteúdo. É necessário que ele domine ainda o processo de aprendizagem. Também não basta ao educador usar várias dinâmicas de trabalho, se ele não conhece um mínimo de filosofia educacional que fundamente a prática

educativa. Um acervo de técnicas de trabalho não é garantia de uma boa prática educativa.

Nesta perspectiva devemos perguntar: qual é a real intenção no nosso processo de ensino? Repassar os conteúdos de alguns princípios cristãos ou ensinar a pensar de forma cristã? Podemos chegar ao final de um período de aprendizagem no ensino confirmatório em que os jovens tenham adquirido pleno conhecimento dos princípios bíblicos e dos fundamentos luteranos e estejam aptos a responder qualquer pergunta, mas as respostas ficam limitadas aos conteúdos memorizados. Portanto, a afirmação da mãe não deveria se limitar à questão do processo, mas questionar igualmente o tipo de processo educativo que está sendo utilizado.

Permanecendo nesta reflexão, podemos dizer que não vai ocorrer uma aprendizagem real e profunda se não houver uma significativa relação de comunhão, de espontaneidade e de respeito entre o educador e o educando. Devemos ter em mente ainda que a disposição para uma relação prazerosa de ensino confirmatório antecede ao primeiro encontro entre educando e educador. Esse sentimento prazeroso se constrói na própria família, no sentimento que ela tem para com esta atividade e na importância a ela atribuída. Ele continua na forma como a família acompanha o ensino confirmatório e participa das promoções oferecidas pela comunidade.

Na mesma reunião, outra mãe afirmou: “No ensino confirmatório se aprendem conteúdos que já deveriam ter sido ensinados pelos pais, como o Pai-Nosso e o Credo.” Esta mãe, ativa na comunidade, procurou lembrar da tarefa educativa dos pais, mesmo sem ter, na ocasião, plena lembrança do princípio educativo defendido por Lutero e da doutrina do sacerdócio geral de todos os crentes. Por mais que queiramos defender este princípio luterano, não podemos exigir dos pais o seu cumprimento se a comunidade não lhes der condições para tal.

Nem todos os pais se sentem habilitados para ensinar aos filhos alguns elementos da nossa base de fé. Outros se sentem inseguros para ensinar, inclusive, os aspectos mais elementares. Estou convicto de que, como obreiros e obreiras, e mesmo como instituição da Igreja, não capacitamos suficientemente os pais e as mães para o cumprimento da tarefa educativa na família. Na maioria dos casos, nem respondemos as perguntas pessoais de fé das pessoas, que dirá prepará-las para o cumprimento dessa tarefa.

Aqui devemos destacar que nem sempre quantidade equivale a qualidade, pois uma participação intensiva na comunidade não representa obrigatoriamente uma relação prazerosa, convicta e espontânea. Assim também não se deve pressupor uma transferência automática aos filhos do envolvimento comunitário e da fé dos pais. Às vezes acontece justamente o oposto, ou seja, jovens integram-se à vida comunitária durante e após a Confirmação, tendo pais indiferentes à vida religiosa.

Nesta perspectiva de quantidade e qualidade também devemos considerar que nem sempre o confirmando mais ativo, mais atento, representa melhor quali-

dade de aprendizagem. Às vezes, os mais indisciplinados demonstram melhor qualidade. Os nossos critérios de avaliação nem sempre são os mais confiáveis.

O outro subgrupo procurou salientar que a principal tarefa do ensino confirmatório é a integração do jovem na vida comunitária. Houve um pai que afirmou: “Desejo que o meu filho tenha a experiência de vivência comunitária na nossa comunidade. E que esta vivência seja agradável.” Ele não estava preocupado com a continuidade automática do filho na atividade de um grupo de jovens, nem em estabelecer elos de compromisso. Estava convicto da importância de se viver o presente e que o futuro seria uma consequência da valorização do momento. No trabalho comunitário pode haver a tendência de ver o jovem confirmando não como um membro do presente, mas do futuro. Em consequência, se investe nele como um objeto que posteriormente dará retorno e lucro.

Outro pai insistia em afirmar que “o mais importante no ensino confirmatório é estabelecer momentos de comunhão”. O conteúdo estaria representado na própria comunhão. O seu pensamento era um pouco mais elaborado do que o dos demais pais. Ele enfatizava a importância da comunhão, pois acreditava que nela residiria a essência da fé cristã e que ela se expressaria fortemente na santa ceia. Argumentou que, com o fortalecimento da comunhão, é possível enfrentar a concorrência dos movimentos religiosos. Apesar de sua argumentação incisiva, a sua voz e idéia ficaram isoladas. Dava a impressão de que o seu discurso era muito eclesial e estranho para a maioria das famílias.

### **1.3. Está Bom assim**

Antes de concluir, quero fazer referência aos pais que se mostravam satisfeitos, não apresentavam nenhuma crítica e ocultavam a sua expectativa. Estes me intrigaram e inquietaram mais. Não consegui perceber o seu pensamento. Despertaram em mim várias perguntas: por que enviaram os seus filhos e filhas ao ensino confirmatório, se estão indiferentes às opiniões dos demais pais e nem ao menos optam por uma ou outra posição? Que tipo de moral religiosa os impede de dispensar os filhos e filhas do ensino confirmatório? Será que não gostaram do rumo e da dinâmica da reunião? Qual é a perspectiva da religiosidade destas pessoas?

Confesso que não encontrei respostas satisfatórias a estas questões. Talvez não tenha conseguido formular corretamente as perguntas, de forma a permitir uma real aproximação às respostas. Entretanto, estou convicto de que também essas pessoas têm uma expectativa e vêem a Confirmação com uma certa finalidade. Mas não entendemos os sinais e códigos por elas utilizados.

## 2. Procurando um Caminho

É difícil constatar qual é o conteúdo real que as famílias consideram importante para a aprendizagem dos jovens. Nem sempre os pais conseguem expressar com clareza o que consideram importante. Às vezes a idéia expressa por eles gira em torno de algo que não conseguem formular com precisão e nem está suficientemente claro na sua mente. Em todos os casos, não acredito que haja algum pai e alguma mãe que encaminhem o seu filho ou filha ao ensino confirmatório sem expectativa e interesse pela aprendizagem. Muitas vezes ocorre um desencontro entre as expectativas das famílias e as nossas. Os jovens recebem os maiores “respingos” deste desencontro. Essas expectativas não-correspondidas resultam em frustrações e sentimento de marginalidade.

Na observação de trabalho com pais de confirmandos percebe-se também que algumas das suas frustrações estão relacionadas com expectativas antigas que não se cumpriram.

Portanto, considero imprescindível que se desenvolva um trabalho junto aos pais, para que, em primeiro lugar, os conheçamos como pessoas e se aproxime a família da prática educativa e dos educadores, e se ouçam as expectativas familiares sobre a aprendizagem. Esta aproximação não tem a finalidade de conhecer as expectativas para adequar os conteúdos do ensino confirmatório ao desejo dos pais. Mas o processo de aproximação pode proporcionar aos pais uma nova oportunidade de aprendizagem e, em alguns casos, uma ligação renovada com a Igreja.

O planejamento das atividades, das dinâmicas, dos conteúdos deve ter uma íntima ligação com a nossa compreensão da finalidade da Confirmação. Para usar imagens do esporte: não podemos pensar na chegada somente após a última curva. Desde o início da caminhada devemos ter claro todo o trajeto, conhecer as curvas fechadas e as retas cansativas, os recantos de repouso, a chegada e o que fazer após a chegada. Todo atleta tem um alvo e se prepara de acordo com a modalidade de prova. Toda prova atlética necessita de um certo tipo de resistência física.

Utilizando esta metáfora podemos dizer que as pessoas que orientam ou coordenam o ensino confirmatório precisam conhecer quem são os atletas que vão percorrer com elas o trajeto da prova, quem são os espectadores, os juizes da competição e quem está estabelecendo as regras do jogo.

Com esta metáfora volto ao início de nossa reflexão e repito a pergunta: qual é a expectativa dos pais dos confirmandos frente ao ensino confirmatório?

Quero responder de forma indireta a esta questão. Sem uma integração dos pais no processo de aprendizagem poderão ocorrer trajetórias de duas retas que não se encontram. O ensino confirmatório deveria ser um momento de aprendizagem em que jovens e pais estivessem integrados, cada um de sua forma, com suas necessidades e possibilidades de construir um conhecimento na fé e uma vivência comunitária. Nesta perspectiva, o ensino confirmatório pode ser transformado



numa das maneiras de edificar comunidade e num processo permanente de aprendizagem do conteúdo da fé e da vivência da fé.

### **Bibliografia**

- Estudio sobre la Confirmación*. Ginebra : Federación Luterana Mundial, 1995. (FLM-Documentación, 38).
- LUKATIS, Ingrid. Was sagen Konfirmandeneltern zu Konfirmandenunterricht und Konfirmation? *KU-Praxis*, Gütersloh, v. 12/13, p. 46-55, 1980.
- SIEGEL, Helmut. Die Feier der Konfirmation in der Familie. In: COMENIUS INSTITUT (Ed.). *Handbuch für die Konfirmandenarbeit*. Gütersloh : Gerd Mohn, 1984. p. 234-244.
- STRUNK, Gerhard. Konfirmandenelternarbeit. *KU-Praxis*, Gütersloh, v. 12/13, p. 55-69, 1980.
- WACHS, Manfredo Carlos. Confirmação na IECLB : Contribuições para um Método. São Leopoldo : IEPG, 1995. (mimeo).

### **Nota**

- \* Aula inaugural proferida na Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, em 6 de agosto de 1996.

Manfredo C. Wachs  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo — RS